

10-04-2025

“Cora coração... Ópera operário Pé no pé no chão”

Agnes Zoé Garal

[Assessora de Imprensa Sindical. Supervisora de *clipping*]

Os versos da canção *Linha de Montagem* (Chico Buarque e Novelli, 1982) retratam a *engrenagente* que desalinha saúde, sonhos e afetos. O modelo toyotista de produção por demanda, a ser entregue em prazos irreais, submete trabalhadores. No mundo do trabalho, acima ou abaixo da linha do Equador, as regras trabalhistas limitam-se a manter o trabalhador trabalhando... Os relatos de Pâmela Selaimen Ávila de pé no chão de fábricas japonesas retratam um drama de muitos operários com quem convivo. Conheci a Secretária Pâmela num consultório médico. Comovida pela sua solicitude em 'salvar' meu celular apagado, e surpresa em saber que ela trabalhou na montagem de celulares, pensei em entrevistá-la. Descobri prismas menos divulgados do mundo do trabalho para além dos 'encantadores' comerciais. Pâmela é gaúcha (Porto Alegre) de 36 anos que veio para o Rio de Janeiro em fevereiro de 2023. Começou a trabalhar aos 14 anos como assistente de sala em creche de conhecida. Graduiu-se em Designer Gráfico (2012) sem trabalhar na área. Morou e trabalhou por 12 anos em São Paulo (telemarketing, vendas e setor financeiro) e no Japão de 2013 a 2016. Foi com o marido (neto de japoneses) para lá *pelo sonho de conhecer o país e pela chance de melhores condições de vida. Trabalhar neste país não é pra qualquer um, alguns desistem (comentava-se essas coisas à boca-pequena...).* *Exigem muita disciplina, eu levava era bronca. A jornada diária é dobrada (16 horas) porque as horas extras 'facultativas' são muito bem pagas (50-60% maiores).* Os trabalhadores saíam das empresas quando terminavam as horas extras para ganharem mais em outra. Por isso trabalhou em três fábricas (até trocou de cidade): Sony (linha de montagem de *smartphones*, televisores, câmeras profissionais e placas de vídeo); Murata (montagem e queima de componentes eletrônicos); e Ropia (sobremesas). *Durante um mês trabalhei sem folgas, quase sem dormir, adoeci e, quando aceitei que o tratamento dermatológico não funcionava e meus problemas psicológicos pioravam, percebemos que a melhor alternativa era voltarmos ao Brasil.* Nosso Mestre italiano da Saúde do Trabalhador – Bernardino Ramazzini (1633-1714) – teria lhe aconselhado moderação, evitando arriscar a saúde, seu mais precioso bem. Pâmela aprendeu de jeito mais dóido: com queimaduras na face decorrentes de quadro grave de rosácea e dermatite atópica (só diagnosticadas e tratadas a contento no Brasil). Estas possivelmente ocasionadas pelo processo e ambiente no trabalho: queima de componentes eletrônicos, com alta temperatura local e fuligens que soltavam das peças. *No último ano no Japão precisei me afastar completamente do trabalho devido ao tratamento dermatológico (ineficaz).* Antes desse adoecimento, teve também alguns pequenos cortes nas mãos e gatilho no dedo médio direito (travamento e disparo involuntário por tenossinovite estenosante) devido a movimentos repetitivos e acelerados com metas diárias cronometradas de tempo e produção. *Trabalhava com as duas mãos, no início sentia dores em todo o corpo. Chegava cedo, para*

*tomar o café da manhã após me vestir de 'astronauta' e passar por corredor de vento frio que retirava pelinhos das roupas. Retirar e recolocar esse 'uniforme' é demorado. Idas ao banheiro fora das pausas (15' 2x/dia, almoço: 40', e mais 40' antes da jornada extra) eram controladas pois requeria interrupção da linha. Daí bebíamos pouca água. A higiene era rigorosa, pois trabalhava com peças de smartphones, lentes, refeições. Na fábrica de sobremesas, a higiene era rigorosa a ponto de se passar adesivo nas sobrelinhas para retirar poeira e outros resíduos. E a proteção dos trabalhadores? Na pandemia, embora iniciada (China, dez. 2019) após a estada de Pâmela, sabendo que o Covid-19 espalhou-se em aglomerações humanas nas cadeias produtivas, é interessante observar que nas linhas de montagem de celulares havia cerca de 50 trabalhadores distanciados por meio metro. Pâmela destacou algumas vezes que os empregadores, extremamente exigentes, eram também corretos no cumprimento do contrato de trabalho e remunerações. As refeições eram saudáveis com preço simbólico. Entretanto, a dieta japonesa e os critérios de saudável, a locomoção diária pedalando por 40 minutos (ida e volta) e o desgaste físico nas atividades laborais a levaram à perda de 10 kg no primeiro mês. *Precisei até trocar o guarda-roupa.* A elogiada proteção japonesa à maternidade e à infância é parte da política de incentivo à natalidade para que a população não continue a encolher e haja mais braços na produção: *Mães trabalham menos, grávidas trabalham sentadas em atividades mais leves; jovens até 16 anos têm assistência médica gratuita.* O cuidado não é voltado para a saúde dos trabalhadores e, nem de longe, aos direitos humanos. Essa afirmação se torna bem nítida quando Pâmela fala do período em que adoeceu. *As faltas não eram abonadas pois ganhava por hora trabalhada. A saúde no Japão é privada, tínhamos um plano de saúde mas, por sermos estrangeiros, era descontado do salário. O atendimento médico deixa a desejar infelizmente. O ambiente é limpo, bonito, mas os médicos e equipe são frios e não costumam ter contato com o paciente. Estive em vários dermatologistas e fiz muitos exames. Fui diagnosticada com depressão e iniciei terapia com psicólogo e psiquiatra.* Nosso imaginário brasileiro acredita que é melhor trabalhar em países centrais. Para atrair mão-de-obra braçal, a propaganda reforça essa falaciosa crença, mas omite que, diferente do Brasil, estrangeiros não têm os mesmos direitos de um trabalhador nato. O ritmo vertiginoso da linha de montagem toyotista, ajustada ao lucro da venda do produto final, é DESUMANO. Cadeias produtivas brasileiras de capital nacional, transnacional ou misto estão submetidas ao mesmo modelo que mata um trabalhador no mundo a cada 15 segundos e adoeceu Pâmela. Hoje, ela sonha finalizar o curso de instrumentação cirúrgica, completar a faculdade de enfermagem e seguir na carreira. No lazer, gosta de ler, ir à praia, academia, cinema, shopping, andar de bicicleta... *Gostaria de dizer aos trabalhadores que conhecerão minha história que, apesar das dificuldades, toda experiência é válida a nosso amadurecimento. Não me arrependo de nada. Sou muito grata a todas as oportunidades na vida.**

E a gente dessa engrenagente / Dessa engrenagente

Dessa engrenagente sai maior

As cabeças levantadas

■ ■ ■

Ramazzini, B. *As Doenças dos Trabalhadores*. Trad. Raimundo Estrêla. 4 ed. São Paulo: Fundacentro. 2016.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.

A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.